

“SINTO-ME MÚLTIPLO”: AS PERSONALIDADES FILOSÓFICAS DE FERNANDO PESSOA

*Nuno Ribeiro¹
Cláudia Souza²*

RESUMO: O presente artigo mostra a importância da filosofia na escrita de Fernando Pessoa. Com efeito, para além das criações literárias e ficcionais do poeta e pensador português, encontramos no espólio de Pessoa uma multiplicidade de escritos filosóficos, que são atribuídos a diversos eus pessoanos ainda pouco divulgados, como Charles Robert Anon, Horace James Faber, Alexander Search, A. Moreira, Faustino Antunes, Frederick Wyatt, António Mora e Raphael Baldaya, para além de textos de Ricardo Reis, Álvaro de Campos e de Fernando Pessoa em seu próprio nome. Tendo por base estas evidências, este artigo elucida a conexão entre os escritos filosóficos pessoanos e a criação das suas múltiplas personalidades desde os pré-heterónimos até ao período heteronímico.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa; filosofia; heteronímia; espólio; biblioteca particular de Pessoa.

ABSTRACT: This article shows the importance of philosophy in Fernando Pessoa's writing. Indeed, in addition to the literary and fictional creations of the Portuguese poet and thinker, we find in Pessoa's Archive a multiplicity of philosophical writings, which are attributed to different selves of Pessoa which are still little publicized, such as Charles Robert Anon, Horace James Faber, Alexander Search, A. Moreira, Faustino Antunes, Frederick Wyatt, António Mora and Raphael Baldaya, in addition to texts by Ricardo Reis, Álvaro de Campos and Fernando Pessoa in his own name. Based on this evidence, this article elucidates the connection between Pessoa's philosophical writings and the creation of his multiple personalities from pre-heteronyms to the heteronymic period.

KEYWORDS: Fernando Pessoa; philosophy; heteronymy; Archive; Pessoa's private library.

¹ Pós-doutorando do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, com uma bolsa financiada pela FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/121514/2016), ao abrigo do programa do FSE.

² Doutora em Literatura de Língua Portuguesa pela PUC-Minas, sendo atualmente pesquisadora do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

Na obra de Fernando Pessoa encontramos múltiplos elementos que nos possibilitam reconstituir a imagem do poeta e pensador português enquanto filósofo. Com efeito, uma das facetas ainda pouco conhecidas da obra pessoana diz respeito à escrita de Fernando Pessoa como pensador filosófico. Para além das produções literárias em poesia e prosa, é possível encontrar entre os escritos do autor português – tanto os publicados em vida quanto os inéditos – uma multiplicidade de dados que permitem confirmar que Pessoa teve diversos projectos filosóficos, muitos dos quais viriam a ser assinados por uma pluralidade de personalidades filosóficas criadas por esse autor. Com efeito, num escrito de teoria heteronímica Fernando Pessoa deixa-nos o seguinte testemunho relativo à dimensão plural da sua escrita:

Não sei quem sou, que alma tenho.
 Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe.
 Sinto crenças que não tenho. Elevam-me ânsias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho.
 Sinto-me múltiplo.
 Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única central realidade que não está em nenhum e está em todos.
 Como o panteísta se sente onda e astro e flor, eu sinto-me vários seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada, individuado por uma suma de não-eus sintetizados num eu posição.
 (PESSOA, 2012b, pp. 149-150)

A dimensão pluralista descrita neste trecho viria também a encontrar eco nos escritos filosóficos de Fernando Pessoa, que se encontram assinados por uma multiplicidade de outros «eus» pessoanos, como é o caso de Charles Robert Anon, Horace James Faber, Alexander Search, A. Moreira, Faustino Antunes, Frederick Wyatt, António Mora e Raphael Baldaya, para além de textos de Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Fernando Pessoa em seu próprio nome. Na sua produção textual, ao mesmo tempo que Pessoa constrói filosofia, desdobra-se noutros eus, isto é, noutras personalidades que pensam, produzem e assinam importantes reflexões filosóficas. A heteronímia de Fernando Pessoa, que se constitui como uma elaboração textual, encontra expressão através da criação de escritos filosóficos. O autor português parece desafiar o leitor a distinguir a ténue linha que separa a filosofia da literatura nos seus textos, revelando

não somente reflexões originais e profundas, mas também a estreita relação entre fragmentação do eu e o pensamento filosófico. Afinal, em que consiste a filosofia? Em grandes conceitos e sistemas ou em exercícios de pensamentos?

Fernando Pessoa é considerado um dos maiores escritores da língua portuguesa. Após a sua morte foi encontrada uma arca, onde o poeta português havia deixado mais de vinte sete mil documentos. Os valiosos papéis da arca constituem o espólio de Pessoa, catalogado na Biblioteca Nacional de Portugal [BNP] sob a designação de E3 [Espólio 3]. O Espólio de Pessoa encontra-se dividido em envelopes. Cada envelope está classificado com um número, uma designação e contém uma quantidade variável de documentos. Entre os diversos envelopes do espólio de Pessoa encontram-se quatorze envelopes filosóficos com 1428 documentos.³

Para além de poeta, crítico literário e prosador, Pessoa também foi um grande pensador múltiplo e intenso, impulsionado pelas inúmeras leituras que realizava. No trecho de uma carta de Fernando Pessoa a José Osório de Oliveira, datável de 1932, Pessoa deixa-nos a seguinte indicação:

No que posso chamar a minha terceira adolescência, passada aqui em Lisboa, vivi na atmosfera dos filósofos gregos e alemães, assim como na dos decadentes franceses, cuja acção me foi subitamente varrida do espírito pela ginástica sueca e pela leitura da *Dégénérescence*, de Nordau. (PESSOA, 1999, p. 278)

A Biblioteca Particular de Pessoa constitui-se como o espelho da multiplicidade de leituras de Pessoa, que estão na base da sua produção textual. A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa encontra-se conservada na Casa Fernando Pessoa [CFP] e está dividida em classes, numeradas de 0 a 9.⁴ A cada classe corresponde uma designação que poderá abarcar mais do que uma tradição literária. Entre as diversas classes encontra-se uma classe [Classe 1] com a designação «Filosofia. Psicologia.» e que contém uma significativa parte dos livros filosóficos lidos por Fernando Pessoa.

³ No espólio de Fernando Pessoa existem cinco envelopes (15¹, 15², 15³, 15⁴ e 15⁵) com a designação “Filosofia”, um (15A) classificado como “Filosofia-Metafísica”, quatro (15B¹, 15B², 15B³ e 15B⁴) designados como “Filosofia-Psicologia” e, finalmente, quatro (22, 23, 24 e 25) intitulados “Textos Filosóficos”. No entanto, se é um facto que a divisão do espólio filosófico em envelopes nos permite identificar núcleos de textos filosóficos, este facto levanta um problema de índole topográfica. Por um lado, nem todos os textos filosóficos se encontram nos envelopes de índole filosófica e, por outro lado, os envelopes filosóficos contêm documentos que não são filosóficos.

⁴ Remetemos para a introdução do livro *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa* (PIZARRO, FERRARI, CARDIELLO, 2010), onde são apresentadas e descritas as várias classes que compõem a Biblioteca Particular pessoana.

Contudo, para além das indicações internas aos livros da Biblioteca Particular de Pessoa, as indicações externas à Biblioteca constituem uma importante fonte de averiguação das leituras de Fernando Pessoa. Com efeito, nem todos os livros que Pessoa possuiu ou leu se encontram na sua Biblioteca Particular. Algumas das leituras deste pensador foram feitas na Biblioteca Nacional de Portugal. Pessoa chegou também a vender alguns livros que possuía (muitos dos quais eventualmente leu), como se poderá depreender das referências que a eles faz em alguns dos seus textos.⁵ Com as sucessivas mudanças de morada, muitos livros de Pessoa ficaram também perdidos. Assim, no espólio de Fernando Pessoa encontramos uma multiplicidade de documentos que se apresentam como indícios de outras leituras que este autor fez para além daquelas que são certificadas pelos vários elementos presentes na Biblioteca Particular deste autor. O espólio de Pessoa contém diversas listas, notas de leituras e múltiplos diários onde o poeta e pensador português deixa inúmeras pistas para o elenco dessas leituras externas à Biblioteca Particular. Entre os diversos documentos do espólio deste autor relativos às suas leituras encontramos as listas, notas e diários de leitura filosóficos.

As listas de leituras de índole filosófica de Fernando Pessoa constituem-se não só como o testemunho do interesse de Pessoa pela filosofia, mas são também a expressão do vasto conhecimento que este autor tinha dos diversos autores e temáticas filosóficos. Um dos mais claros exemplos disto são os cadernos de duas personalidades pessoanas inglesas: Charles Robert Anon e Alexander Search. No espólio de Fernando Pessoa encontra-se uma multiplicidade de fragmentos e de projectos destinados a produções filosóficas concebidas como textos a serem atribuídos a estas duas personalidades do universo heteronímico pessoano.

Nos textos deixados por Fernando Pessoa existe um caderno intitulado “Nº I.1. Charles R. Anon” (BNP/E3, 13A – 1-20)⁶, que, para além de inúmeros escritos e projectos

⁵ Em *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, os autores apresentam no Anexo III várias listas correspondentes a livros vendidos por Pessoa ou que este autor pretendia vender. Estas listas contém muitos títulos com livros que se encontram na Biblioteca Particular de Pessoa — coincidentes, muito provavelmente, com livros que Pessoa não conseguiu vender — ou que se referem a leituras que Pessoa fez (cf.: PIZARRO, FERRARI, CARDIELLO, 2010, pp. 436 *et seq.*).

⁶ Cf.: PESSOA, 2009, pp. 269-284. A sigla “BNP/E3” refere-se à catalogação do Espólio de Fernando Pessoa – Espólio 3 [E3] – que se encontra actualmente na Biblioteca Nacional de Portugal [BNP]. A numeração – após a sigla “BNP/E3” – corresponde ao número de catalogação do documento no Espólio de Fernando Pessoa. A tradução dos textos do espólio de Fernando Pessoa originalmente escritos em inglês é da nossa responsabilidade, excepto nos casos em que indicamos a referência bibliográfica de uma tradução.

filosóficos, contém ainda uma extensa lista de leituras que é antecedida pela seguinte indicação:

Livros
Sobre Ciência e sobre Filosofia.
[Books
On Science and on Philosophy]
(BNP/E3, 13A – 2^r)

Nesta lista de Charles Robert Anon, contemporânea das leituras realizadas por Pessoa na Biblioteca Nacional e, por conseguinte, datável de 1906, encontra-se espelhado o interesse pela filosofia. Com efeito, existem nesse caderno referências a livros de filósofos como Aristóteles, Descartes, Malebranche, Espinosa, Leibniz, Kant, Schopenhauer, Hegel e Bergson. Todas estas referências viriam a ser retomadas nas listas de leitura de Search.

Alexander Search também deixou um caderno com indicações das suas leituras filosóficas (BNP/E3, 144H), datado de Setembro de 1906 [“September, 1906.”], com a indicação «Philosophy etc.» (BNP/E3, 144H – capa de guarda). Nesse caderno, encontramos uma lista de livros ordenada alfabeticamente (de “A” a “Z”), na sua maioria filosóficos, que Pessoa pretendeu ler num determinado período da sua vida. Aí vemos a menção aos mais diversos autores e obras da tradição filosófica, desde Platão a Bergson, passando por Descartes, Locke, Leibniz, Berkeley, Hume, Kant, Hegel e muitos outros dos mais diversos períodos do pensamento filosófico. Logo na letra «A» desse caderno encontramos listados os seguintes títulos:

1. Aristóteles: “Metafísica.”
1. “De Anima.”
1. “Organon.”
[1. Aristotle: “Metaphysica.”
1. “De Anima.”
1. “Organon.”]
(BNP/E3 – 144H – 1^r)

Todo esse importante material do espólio pessoano revela o interesse do autor português pela filosofia.

No que toca às reflexões filosóficas do pré-heterónimo Charles Robert Anon, encontramos um texto com o título *Identidade do Ser e do Não-Ser* [*Identity of Being and Not-Being*] (BNP/E3, 22 – 97), no qual, como o próprio título indica, o pré-

heterónimo pessoano irá analisar brevemente uma das questões mais caras à tradição filosófica: a questão do ser e do não-ser. Esse texto de Anon — que defende a tese de acordo com a qual o “Puro Ser = Puro não-Ser” [“Pure Being = Pure not-Being”] (BNP/E3, 22 – 97) — é subsidiário das leituras filosóficas de Fernando Pessoa, em particular do *Tratado do Não-Ser* de Górgias, com o qual Pessoa terá tido contacto através da leitura do livro comumente atribuído a Aristóteles com o título *Sobre Melisso, Xenófanés e Górgias* e que se constitui como uma das principais fontes de conhecimento do *Tratado do Não-Ser* de Górgias, assim como através de leituras de bibliografia secundária sobre os sofistas gregos de entre as quais destacamos o livro de Théophile Funck-Brentano intitulado *Les Sophistes Grecs et les Sophistes Contemporains*.⁷

De acordo com o testemunho do texto *Sobre Melisso, Xenófanés e Górgias* atribuído a Aristóteles, o *Tratado do Não-Ser* de Górgias encontra-se estruturado em três teses fundamentais: 1ª) Nada existe; 2ª) ainda que algo existisse, não poderia ser conhecido; 3ª) ainda que algo existisse e pudesse ser conhecido, não poderia ser comunicado. No espólio de Fernando Pessoa encontramos o seguinte apontamento acerca da tese de Górgias de que nada existe:

Argumento de Górgias:

Se o não-ser é não-ser, o não-ser não é menos que o ser, uma vez que o não-ser é não-ser e o ser é ser, pelo que as coisas não mais existem do que não existem.

Se, contudo, o não-ser existe, o ser não irá existir, pois é o contrário do não-ser. Se o não-ser existe, apenas pode acontecer que o ser não existe; de tal modo que também nada existe, a menos que ser e não-ser sejam o mesmo. E se realmente forem o mesmo, então, também não existirá, pois o não-ser não existe e assim também não existe o ser, uma vez que se sustenta que é o mesmo que o não-ser.

[Argument of Gorgias:

If not-being is not-being, not-being is not less than being, since not-being is not-being and being is being, for which reason, things not more exist than they do not exist.

If, however, not-being exist, being will not exist, for it is the contrary of not-being. If not-being exist, it cannot be but that being does not exist; so that thus also nothing would exist, unless being and not-being be the same. And if really these be the same, thus also nothing will

⁷ Sobre a leitura destes livros encontramos a seguinte indicação, redigida num “Diário de Leituras” [“Reading Diary”] (PESSOA 2003: 46-47) do ano de 1906, presente num caderno de Fernando Pessoa: “23 de Novembro: Cousin (Zenão). Funck-Brentano: *Sophistes Grecs* (Zenão). Aristóteles: *De Xenophane, Zenone, et Gorgia*. / 24 de Novembro: Aristóteles: *De Xenophane, Zenone, et Gorgia*.” [“November 23rd: Cousin (Zeno); Funck-Brentano: *Sophistes Grecs* (Zeno); Aristotle: *De Xenophane, Zenone, et Gorgia*. / November 24th: Aristotle: *De Xenophane, Zenone, et Gorgia*.”] (PESSOA, 2003, pp. 52-53)

exist, for not-being does not exist, and so does not also being, since it is held to be the same as not-being.] (BNP/E3, 22 - 47.)⁸

Num texto intitulado *Teoria da Percepção* [*Theory of Perception*] (BNP/E3, 25 – 58), Anon estabelece uma relação entre percepção e pensamento, fazendo uma breve análise dos processos de pensamento implícitos na nossa percepção dos objectos. Este texto procura desvendar o caminho percorrido pela mente para perceber a realidade.

Encontra-se também no espólio de Pessoa outro texto assinado por Charles Robert Anon com o título *Raciocínio e as suas falácias* [*Reasoning and its fallacies*] (BNP/E3, 15³ – 4), onde o pré-heterónimo analisa as falácias do raciocínio, defendendo que:

Para raciocinar bem, devemos apreender ao mesmo tempo o geral e o particular. Se apreendemos apenas o geral, caímos no erro teológico, se apenas o particular, no erro científico.

[To reason well we must grasp at the same time the general and the particular. If we grasp only the general, we fall into the theological error, if only the particular, into the scientific error.] (BNP/E3, 15³ – 4)

Anon interessou-se também pelo tema do livre-arbítrio, conforme nos mostram os textos do espólio pessoano relativos a essa temática assinados por Charles Robert Anon.⁹ Um importante indício a este respeito corresponde a um projecto filosófico, escrito em inglês com o título *Sobre o Livre-Arbítrio* [*On Free-Will*], atribuído por Fernando Pessoa ao pré-heterónimo Charles Robert Anon, conforme se pode ver no seguinte esboço que apresenta duas versões desse projecto:

Charles Rob. Anon.

C. R. Anon.

Sobre o Livre-Arbítrio

Prefácio

Parte I.

1. História da Questão.
2. Argumentos pró e contra.
3. Novos Argumentos

Parte II

4. Responsabilidade

⁸ Cf.: PESSOA, 2016, p. 128.

⁹ Para além dos fragmentos relativos a “Sobre o Livre-Arbítrio” assinados por Charles Robert Anon, existe uma série de fragmentos sobre essa temática sem qualquer assinatura. Para uma consulta da edição crítica completa desses fragmentos remetemos para edição com a seguinte referência: PESSOA, 2012a.

5. Consequências.

Sobre o Livre-Arbítrio.

Prefácio

1. Definições.
 2. História do problema.
 3. Argumentos pró e contra.
 4. Novos Argumentos.
 5. Sobre a Responsabilidade.
 6. Consequências da inexistência do Livre-Arbítrio.
 7. Conclusão. Carácter.
 8. Índice de Capítulos e de Conteúdos.
- [Charles Robt. Anon.

C. R. Anon.

On Free-Will

Preface

Part I.

1. History of the Question.
2. Arguments pro and contra.
3. *New Arguments*

Part II

4. Responsibility
5. Consequences.

On Free-Will.

Preface

1. Definitions.
 2. History of the Problem.
 3. Arguments pro and contra.
 4. New Arguments.
 5. On Responsibility.
 6. Consequences of the inexistence of Free-Will.
 7. Conclusion. Character.
 8. Index of Chapters and of Contents.]
- (*apud* LOPES, ABREU, 1981, 28.2: fac-símile)

O interesse de Pessoa pela problemática do livre-arbítrio foi inicialmente impulsionado pela questão relativa à pena de morte. No diário de Charles Robert Anon lemos o seguinte trecho escrito a 12 de Abril de 1906, relativo à génese do interesse por leituras acerca do livre-arbítrio:

Planeei e comecei a escrever um trabalho em inglês contra a pena de morte, e, talvez, contra os maus-tratos nas prisões. Tenho de ler livros sobre o livre-arbítrio para poder atacar a pena de morte.

[Planned and wrote a little of an English work against the death penalty, and, perhaps, against unkind incarceration. Must read books

on free will to be able to attack the death penalty.] (PESSOA, 2003, pp. 34-35)

Dessa intenção de leituras relativas ao livre-arbítrio terá resultado a seguinte lista de livros, entre os quais se lê a referência à tradução francesa do *Essai sur le Libre Arbitre* de Schopenhauer (CFP, 1-135)¹⁰, que se encontra na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa com sublinhados e notas de leitura e que terá sido uma das mais importantes leituras para o plano de redacção dos fragmentos sobre o livre-arbítrio atribuídos a Anon:

Bibliography.

Fouillée (Alfred): “La Liberté et le déterminisme”, 2^e edition, Paris, Alcan, 1884.

Schopenhauer : “Essai sur le libre arbitre”, trad. Salomon Reinach, 9th ed. Paris, Alcan, 19...

Naville (E): “Le Libre Arbitre”, Paris, Alcan, □.

Child (Thomas): “Root Principles in Rational and Spiritual Things.” London, Speirs, 1905.

Kant: “Critique de la Raison Pratique” – Trad.

Lutherus: “De Servo Arbitrio.”

Edwards (Jonathan): “On Free Will”.

Stuart Mill: “Examination of Sir Wm. Hamilton’s Philosophy.”

Renard: “L’Homme est-il libre?” – Paris, Alcan, □

Secrétan: “Philosophie de la Liberté.”

(*Hartmann:* Philosophie de L’Inconscient?)

(RIBEIRO, SOUZA, 2017, p. 82)

Nos fragmentos relativos ao livre-arbítrio, Fernando Pessoa insiste na ideia do carácter ilusório do sentido desta noção, mobilizando para tal uma multiplicidade de conceitos presentes em *Sobre a liberdade da vontade* de Schopenhauer. Num excerto destinado ao ensaio *Contra a Pena de Morte* [*Against the Death Penalty*¹¹] de Pessoa — cuja temática, conforme assinalamos, se encontra na origem do interesse pela questão do livre-arbítrio — o autor português afirma, desde logo, que “O livre-arbítrio é uma ilusão” [“Free-will is an illusion”] (PESSOA, 2012a, p. 161). A ideia de que o livre-arbítrio é uma ilusão viria a constituir um mote de toda a posterior produção pessoana relativa a esta problemática. Lemos, nesse sentido, um fragmento destinado a *On Free-Will* assinado por Charles Robert Anon:

¹⁰ A sigla “CFP” corresponde à indicação “Casa Fernando Pessoa” onde actualmente se encontra a Biblioteca Particular de Pessoa. A numeração — após a sigla “CFP” — corresponde ao número de catalogação do livro presente na Biblioteca Particular do autor português.

¹¹ Cf.: PESSOA, 2012a, pp. 160-163.

A vontade não existe. Existe dentro da esfera do Sentimento, pois é o complemento necessário dessa faculdade psicológica.
 [The will does not exist. It exists within the sphere of Feeling, for it is the necessary adjunct of that psychological faculty.] (BNP/E3, 13 – 20)

Charles Robert Anon também escreveu um texto intitulado *Sobre os limites da ciência* [*On the limits of science*] (BNP/E3, 28 – 99^v), onde defende que a investigação empírica se baseia numa ilusão e que, neste sentido, não pode servir de base para a construção de um sistema filosófico. O título indica o interesse de Anon pela filosofia da ciência, o que se encontra fundamentado em leituras que Pessoa fez sobre este tema, como é o caso do livro de G. H. Lewes intitulado *Science and Speculation* (CFP, 1-98), que se encontra na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa e apresenta sublinhados e marginália.

Anon escreveu em conjunto com Horace James Faber — outra personalidade pré-heteronímica do universo literário pessoano — um texto intitulado *Plausibilidade de todas as filosofias* [*Plausibility of all Philosophies*] (BNP/E3, 48A – 66^v), um texto de fundamental relevo para a elucidação dos fundamentos filosóficos que permitem compreender a natureza plural da obra pessoana, nomeadamente a natureza plural da própria criação filosófica do poeta e pensador português. As assinaturas presentes no texto apontam já para o carácter múltiplo da criação pessoana, uma vez que o documento se encontra assinado por dois outros autores ficcionais de Fernando Pessoa: Charles Robert Anon & Horace James Faber. No texto *Plausibilidade de todas as filosofias* lemos a seguinte afirmação:

(...) eu e vós, podemos de *uma* coisa tirar conclusões diferentes e da mesma maneira também. Assim, todas as filosofias são boas e todas são plausíveis como podemos constatar na nossa confusão moral. Todas as filosofias, teorias de sonhos através das nossas lentes, são possíveis.

[I and thou, we may from *one* thing draw different conclusions and in the same manner too. Thus all philosophies are good, and all are plausible as we in our moral confusion can find. All philosophies, dream-theories through our lens, are possible.] (BNP/E3, 48A – 66^v)

Neste texto, as questões relativas à temática da filosofia e heteronímia encontram-se em perfeita sintonia. Todas as filosofias são plausíveis, porque há multiplicidade de perspectivas igualmente defensáveis e com igual grau de fundamentação. Assim sendo, a fragmentação do eu é também algo plausível e a

constituição de múltiplas perspectivas dentro de um mesmo sujeito, correspondentes a diferentes modos de pensar e de sentir o mundo, é algo igualmente defensável. Este texto antecipa, dessa forma, todo um programa que viria a estar na base da constituição dos múltiplos pontos de vista atribuídos aos diversos eus de Fernando Pessoa.

Alexander Search, outro pré-heterónimo pessoano, tematiza também a questão da multiplicidade de filosofias no texto “Milhares de teorias” [“Thousands of theories”] (BNP/E3, 15B³ – 12), onde lemos:

Milhares de teorias, grotescas, extraordinárias, profundas, sobre o mundo, sobre o homem, sobre todos os problemas que pertencem à metafísica passaram pela minha mente. Tive em mim milhares de filosofias, das quais nem mesmo duas — se fossem reais — concordariam.

[Thousands of theories, grotesque, extraordinary, profound, on the world, on man, on all problems that pertain to metaphysics have passed through my mind. I have had in me thousands of philosophies not any two of which — as if they were real — agreed.] (BNP/E3, 15B³ – 12)

Neste texto, encontramos, mais uma vez, a tematização do pluralismo filosófico no âmbito da criação pré-heteronímica de Pessoa. Para além de este fragmento do espólio se encontrar assinado pelo pré-heterónimo Alexander Search — o que reforça a relação entre a criação estética de Fernando Pessoa e a produção de projectos filosóficos —, o texto fala-nos igualmente em “milhares de teorias” contraditórias entre si sobre o mundo, o homem e a metafísica. Este texto de Search permite igualmente estabelecer a relação entre filosofia e heteronímia. Se são possíveis “milhares de teorias” e de “filosofias” contraditórias entre si, é igualmente possível a criação de uma pluralidade de pontos de vista, correspondentes a diferentes modos de pensar, de ver e de sentir o mundo. É justamente isso que Fernando Pessoa cria ao longo dos seus textos filosóficos, com a atribuição de diferentes textos a múltiplas personalidades, defendendo pontos de vista e formas de ver o mundo igualmente diversas.

Noutro texto, intitulado *A natureza interna das faculdades* [*The internal nature of faculties*] (BNP/E3, 23 – 18-19), Alexander Search faz uma análise da natureza interna das faculdades da mente estabelecendo uma diferença entre pensamento, sentimento e volição. A tese central defendida por Search no texto em análise é que “a faculdade, para ter um nome, deve ser capaz de se compreender a si mesma, por assim dizer, de se determinar a si mesma como tal faculdade” [“the faculty to have a name must be

capable of understanding itself, so to speak, to determine itself as such a faculty”] (BNP/E3, 23 – 19).

Alexander Search foi também autor do *Ensaio sobre a Ideia de Causa* [*Essay on the Idea of Cause*] (BNP/E3, 15⁴ – 100-99). Esse ensaio é resultado da leitura que Pessoa fez do *Essai sur le libre arbitre* de Schopenhauer. O *Ensaio sobre a Ideia de Causa*, do qual nos resta apenas um excerto em inglês, constitui-se como uma discussão sobre os diversos sentidos da noção de causalidade apresentados por Schopenhauer. Com efeito, lemos logo no início desse texto:

Schopenhauer dividiu a ideia de Causa em 3 outras ideias, a saber: Causação, excitação e motivação.
[Schopenhauer has divided the idea of Cause into 3 other ideas properly speaking: Causation, excitation, and motivation.] (BNP/E3, 15⁴ – 100^r)

A discussão inicial do *Ensaio sobre a Ideia de Causa* relativa às três acepções da ideia de causa — que serve de mote para o desenvolvimento das questões abordadas no ensaio de Search — foi impulsionada pelo seguinte trecho do *Essai sur le libre arbitre* de Schopenhauer e pelas páginas que se lhe seguem:

O princípio de causalidade, que rege todas as modificações dos seres, apresenta-se sob três aspectos, correspondentes à tripla divisão dos corpos em corpos inorgânicos, em plantas e em animais; a saber: 1º A Causação, no sentido mais estrito da palavra; 2º a Excitação (*Reiz*); 3º por fim a Motivação. Torna-se evidente que sob estas três formas diferentes, o princípio de causalidade conserva o seu valor *a priori*, e que a necessidade da ligação causal subsiste em todo o seu rigor.
[Le principe de causalité, qui régit toutes les modifications des êtres, se présente sous trois aspects, correspondants à la triple division des corps en corps inorganiques, en plantes, et en animaux ; à savoir : 1º La Causation, dans le sens le plus étroit du mot ; 2º l’Excitation (*Reiz*) ; 3º enfin la Motivation. Il est bien entendu que sous ces trois formes différentes, le principe de causalité conserve sa valeur *à priori*, et que la nécessité de la liaison causale subsiste dans toute sa rigueur.] (CFP, 1 – 135, p. 56)

A. Moreira & Faustino Antunes — dois outros eus do universo pré-heteronímico pessoano — assinam um texto filosófico intitulado *Ensaio sobre a Intuição* [*Essay on Intuition*] (BNP/E3, 14⁶ – 30-31). O nome de A. Moreira aparece no espólio pessoano somente associado ao *Ensaio sobre a Intuição*. Faustino Antunes, por sua vez, assume outras tarefas. Entre elas encontramos um diagnóstico psiquiátrico de Fernando Pessoa.

Faustino Antunes é, nesse sentido, responsável por uma série de cartas enviadas para antigos professores e colegas de turma do autor português na Durban High School a questionar o carácter da saúde psíquica de Pessoa, conforme nos esclarecem Fernando Cabral Martins e Richard Zenith em *Teoria da Heteronímia*:

Dr. Faustino Antunes

Em 1907, este suposto psiquiatra escreve cartas em inglês a um ex-professor (Mr. Belcher) e a um ex-condiscípulo (Clifford Geerdts) de Pessoa em Durban, explicando que o seu cliente (Pessoa) sofre de uma grave doença mental, o que o leva a solicitar informações sobre o seu comportamento e a ideia de que os outros alunos dele tinham quando estudava na Durban High School. (PESSOA, 2012b, p. 66)

No *Ensaio sobre a Intuição* A. Moreira e Faustino Antunes esboçam o início de discussão acerca da natureza e constituição da noção filosófica de intuição. Um aspecto interessante a respeito do *Ensaio sobre a Intuição* corresponde à afirmação do carácter onírico do conhecimento humano acerca da existência, conforme se pode ler na seguinte passagem de um dos fragmentos destinados a esse texto:

Considerando profundamente a existência, não podemos admitir senão que, fora o facto de que vivemos, quase nada pode ser conhecido. Nós vagueamos num tal labirinto que podemos ser dispensados de perguntar se existimos. Quanto mais fundo for o pensamento, mais verdadeiras parecerão aquelas linhas de Shakespeare:

Somos uma matéria

De que são feitos os sonhos, e a nossa pequena vida
Findará em sono.

Quanto mais fundo o pensamento for, mais os nossos corações serão dilacerados, pois a estranheza da vida é evidente.

[Considering existence deeply, we cannot but allow that, outside the fact that we live, scarcely anything can be known. We wonder in such an maze that we may be excused asking if we exist. True, the further thought doth go, are those lines of Shakespeare:

We are such stuff

As dreams are made on, and our little life
Is rounded with a sleep.

The deeper thought goes, the more our hearts are torn as the strangeness of life is evident.] (BNP/E3, 14⁶ – 31)

Ainda no que respeita ao universo pré-heteronímico de Fernando Pessoa, encontramos um conjunto de fragmentos destinados a um prefácio sobre o autor fictício

peçoano Frederick Wyatt, onde o poeta e pensador português desenvolve considerações sobre filosofia. Esse pré-heterónimo, criado em 1913, viria a herdar em 1914 muitos poemas de Alexander Search, conforme nos elucidam Cabral Martins e Zenith em *Teoria da Heteronímia*, onde afirmam que “uma lista de poemas pertencentes a Wyatt (lista datável de 1914) é composta de 21 poemas herdados de Alexander Search (144P – 2-3)”. (PESSOA, 2012b, p. 78)¹²

Relativamente à filosofia de Frederick Wyatt, encontramos nos trechos do prefácio aos poemas desse eu peçoano (BNP/E3, 14E – 94; BNP/E3, 14E – 93) o emprego de importantes termos filosóficos como: metafísica, idealismo e materialismo. Nos fragmentos do prefácio a Wyatt há uma descrição de um sujeito com competências metafísicas, mas sem a menor aptidão para a vida real, descrito como alguém que habitava o mundo dos sonhos.

A criação de textos filosóficos de Fernando Pessoa viria, porém, a estender-se para além do período pré-heteronímico e a integrar as obras dos heterónimos.¹³ Em 1924, Fernando Pessoa publica, em seu próprio nome, na revista *Athena* um texto – com o mesmo título da revista –, no qual discute a subjectividade humana (como a divisão da alma em duas partes), a origem e a finalidade da arte, que inaugura uma discussão entre Fernando Pessoa ortónimo, os seus heterónimos e outra personalidade literária – António Mora – que dialoga com as temáticas desenvolvidas nos textos do ortónimo e dos heterónimos. Essa discussão entre Fernando Pessoa e os seus outros eus insere-se no contexto daquilo que o autor português denomina de *drama em gente*, um conceito apresentado por Pessoa na “Tábua Bibliográfica”, publicada em 1928 no número 17 da revista *Presença*, onde lemos:

As obras heterónimas de Fernando Pessoa são feitas por, até agora, três nomes de gente — Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos. Estas individualidades devem ser consideradas como distintas da do autor delas. Forma cada uma uma espécie de drama; e todas elas juntas formam outro drama. (...)

As obras destes três poetas formam, como se disse, um conjunto dramático; e está devidamente estudada a entreacção intelectual das personalidades, assim como as suas próprias relações pessoais. Tudo isto constará de biografias a fazer, acompanhadas, quando se publicarem, de horóscopos e, talvez, de fotografias. É um drama em gente, em vez de em actos. (PESSOA, 2012b, pp. 227-228)

¹² Para informações mais detalhadas a este respeito, veja-se: FERRARI, PITTELLA, 2016.

¹³ Para uma consulta dos textos filosóficos do período heteronímico remetemos para a edição com a referência bibliográfica: PESSOA, 2017.

A noção de *drama em gente* apresentada na “Tábua Bibliográfica” clarifica a forma como Fernando Pessoa concebe a construção da sua escrita pluralista, assente na fabricação de uma multiplicidade de personalidades heteronímicas. Cada um dos heterónimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos) possui uma biografia própria, um estilo próprio de escrita, ou seja, existem individualmente na complexa obra literária pessoana. Há, além disto, um diálogo, não somente literário, mas sobretudo filosófico entre os heterónimos que irá estruturar esse *drama em gente*. O próprio Pessoa participa também deste diálogo, interagindo publicamente com Álvaro de Campos, como é o caso do texto de Campos *O que é a Metafísica?* publicado em 1924 no número 2 da revista *Athena*, que se constitui como uma contra-resposta ao ensaio *Athena*, publicado pelo ortónimo no primeiro número dessa revista. O próprio Pessoa participa enquanto personagem da sua obra artística, ao lado dos heterónimos, e no mesmo patamar que eles do *drama em gente*. É, então, no contexto desta fragmentação do espaço literário dramático que tem lugar a constituição do desenvolvimento do pensamento filosófico no período heteronímico.

Para além de Caeiro, Campos, Reis e Pessoa, uma outra personalidade pessoana também participa deste *drama em gente*. Essa personalidade é, como mencionámos, António Mora, que exercerá um importante papel no diálogo filosófico entre Caeiro, Campos e Reis. Seria ele o continuador filosófico de Caeiro, como podemos constatar neste trecho escrito por Álvaro de Campos:

O António Mora era uma sombra de veleidades especulativas. Passava a vida a mastigar Kant e tentar ver com o pensamento se a vida tinha sentido. Indeciso como todos os fortes, não tinha encontrado a verdade, ou o que para ele fosse verdade, o que para mim é o mesmo. Encontrou Caeiro e encontrou a verdade. (PESSOA, 2012b, p. 324)

Essa personalidade, que *passava a vida a mastigar Kant*, deixou no espólio pessoano textos em prosa de teor filosófico. António Mora dialoga com as restantes personalidades heteronímicas e participa igualmente (ao lado de Campos e Pessoa) nessa discussão sobre a metafísica, como se pode verificar pelo conjunto de fragmentos destinados a um opúsculo intitulado *Introdução ao Estudo da Metafísica*.

Ricardo Reis também participa nesta discussão sobre a metafísica. No espólio pessoano há uma série fragmentos filosóficos nos quais Reis problematiza a questão da

metafísica e as suas relações com a ciência e a religião. Reis chega a afirmar que: “A religião é uma metafísica recreativa” (BNP/E3, 52A – 32). É muito interessante perceber esta dramatização do pensamento filosófico de Pessoa, pois cada outro eu criado no período heteronímico (Álvaro de Campos, Ricardo Reis e António Mora) assim como o ortónimo, tem um pensamento próprio sobre a questão da metafísica. Há não somente um estilo de escrita de cada um, mas sobretudo um pensamento filosófico independente.

Para além dos textos referidos, importa mencionar o *Tratado da Negação* (BNP/E3, 22 – 31) assinado por Raphael Baldaya, outra personalidade literária do universo pessoano e que é objecto de detalhado estudo por parte de Paulo Borges no texto intitulado “Além-Deus, Ilusão de Deus e Vida em Raphael Baldaya” (BORGES, SOUZA, RIBEIRO, 2018, pp. 123-157). A propósito deste texto que se encontra estruturado na ideia de que o mundo é composto por duas ordens de forças – as que afirmam e são criadoras do mundo e as que negam – e de que “Toda a criação é ficção e ilusão” (BNP/E3, 22 – 31), afirma Paulo Borges:

Baldaya apresenta um quadro de ilusão como o denominador comum que abrange e conecta todos os níveis da realidade e do conhecimento, desde a matéria até Deus: do mesmo modo que “a Matéria é uma ilusão [...] para o Pensamento”, este é ilusão para a “Intuição”, esta é ilusão para a “Ideia Pura” e esta o é para o “Ser”, que se diz ser “essencialmente Ilusão e Falsidade”, sendo “Deus” “a Mentira suprema”. (BORGES, 2008, p. 92)

O *Tratado da Negação* corresponde a um texto dividido em 11 teses, que, muito provavelmente, se constituem como tópicos a serem desenvolvidos num tratado de maior dimensão. Trata-se de um escrito místico-filosófico que dialoga com as tradições da teosofia e da filosofia.

No que respeita ao impacto da teosofia para a elaboração do *Tratado da Negação*, encontramos a seguinte afirmação na tese “11” desse texto: “Há realmente todos os mundos que os teósofos afirmam. Mas eles estão dentro da Ilusão, que, enquanto existe, é a Realidade” (BNP/E3, 22 – 31). Com efeito, Pessoa sofreu um grande impacto quando teve contacto com a teosofia.¹⁴ O contacto de Fernando Pessoa com a

¹⁴ Na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa constam dois livros de Helena Blavatsky, uma das maiores referências da Teosofia e dois livros de Leadbeater que é também uma referência nos estudos de Teosofia: BLAVATSKY, 1913; BLAVATSKY, *sine die*; LEADBEATER, 1911; LEADBEATER, 1912.

teosofia deu-se através de traduções que o poeta e pensador português fez de autores de livros sobre o pensamento teosófico,¹⁵ para aumentar os seus recursos financeiros.

No entanto, para além da influência da doutrina teosófica, o *Tratado da negação* é igualmente subsidiário da leitura do *Tratado do Não-Ser* de Górgias, que, como mostrámos, foi lido por Fernando Pessoa. Os argumentos de que nada existe e de que as coisas não mais existem do que não existem, defendidos no *Tratado do Não-Ser* de Górgias, viriam a ser de fundamental relevo para a construção das teses principais apresentadas no *Tratado da Negação* de Raphael Baldaya, o qual, defendendo que o “o Ser é essencialmente Ilusão e Falsidade” (BNP/E3, 22 – 31), culmina na afirmação de que “o Ser sai, por oposição do Não-Ser” (BNP/E3, 22 – 31).

Os elementos apresentados constituem-se como evidências da importância da escrita filosófica na obra de Pessoa, assim como das conexões entre filosofia e heteronímia no laboratório de criação do poeta e pensador português.

¹⁵ Segundo a pesquisadora Manuela Parreira da Silva: “Em 1915-1916, Pessoa empenha-se num outro projecto de envergadura, traduzindo para a Livraria Clássica Editora algumas obras teosóficas fundamentais: *Compêndio de Teosofia*, *A Clarividência e Auxiliares Invisíveis*, de C. W. Leadbeater; *Os Ideias da Teosofia* de Annie Besant; *A Voz do Silêncio e Outros Fragmentos Selectos do Livro dos Preceitos Áureos* traduzido para o inglês e anotado por H. P. B., de Helena Blavatsky; *Luz sobre o Caminho e o Karma*, transcritos por M. C. (Mabel Collins).” (SILVA, 2008, p. 856)

REFERÊNCIAS

BLAVATSKY, Helena. *Les origines du rituel dans l'église et dans la maçonnerie*. Traduit de l'anglais par Elena Petrovna Blavatsky. Paris: Adyar, s.d. (CFP, 0-1).

BLAVATSKY, Helena. *The voice of the silence: and other chosen fragments from the Book of the golden precepts*. Translated and annotated by H. P. B. Eight reprint. London: Theosophical Publishing Society, 1913. (CFP, 1-172 MN)

BORGES, Paulo. *O Jogo do Mundo – Ensaio sobre Teixeira de Pascoas e Fernando Pessoa*. Lisboa: Portugália Editora, 2008.

BORGES, Paulo, SOUZA, Cláudia, RIBEIRO, Nuno (Orgs.). *Raphael Baldaya: Fragmentos de uma personalidade pessoana*. Lisboa: Âncora editora, 2018.

FERRARI, Patricio, PITTELLA, Carlos. "The Poems of Frederick Wyatt". *Pessoa Plural*, nº 10, Outubro/Fall, 2016, pp. 226-301, https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue10/PDF/I10A14.pdf

LEADBEATER C. W. *Clairvoyance*. 3rd ed. London: Theosophical Publishing Society, 1911. (CFP, 1-85)

LEADBEATER, C. W. *Invisible helpers*. 3rd ed. London: The Theosophical Publishing Society, 1912. (CFP, 1-86)

LEWES, George Henry. *Science and Speculation*. London: Watts & Co., 1904. (CFP, 1-98)

LOPES, Teresa Rita, ABREU, Maria Fernanda de (coord.). *Fernando Pessoa, El Eterno Viajero*. Lisboa: Secretaria do estado e da Cultura, 1981.

MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho, 2008.

PESSOA, Fernando. *Cadernos – Tomo I*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

PESSOA, Fernando. *Correspondência (1923-1935)*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

PESSOA, Fernando. *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

PESSOA, Fernando. *Escritos sobre Metafísica e Arte*. Organização, introdução e notas de Cláudia Souza & Nuno Ribeiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

PESSOA, Fernando. *Livros Filosóficos: Projectos & Fragmentos*. Edição, notas e introdução de Nuno Ribeiro. Lisboa: Apenas Livros, 2016.

PESSOA, Fernando. *Philosophical Essays: a critical edition*. Edition, notes and introduction by Nuno Ribeiro (afterword by Paulo Borges). New York: Contra Mundum Press, 2012a.

PESSOA, Fernando. *Teoria da Heteronímia*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012b.

PIZARRO, Jerónimo, FERRARI, Patricio, CARDIELLO, Antonio. *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa/Pessoa's Private Library*. Lisboa: D. Quixote, 2010.

RIBEIRO, Nuno, SOUZA, Cláudia (eds.). *Fernando Pessoa, Schopenhauer & Nietzsche*. Lisboa: Apenas Livros, 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Essai sur le libre arbitre*. Traduit en français pour la première fois et annoté par Salomon Reinach. Paris: Félix Alcan, 1903. (CFP, 1-135)

SILVA, Manuela Parreira da. "Traduções". MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho, 2008, pp. 856-857.

